

8.02.06 - Letras / Literatura Brasileira

“LUTA ÍNTIMA” DE CAMILLO DE JESUS LIMA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL DA PRODUÇÃO POÉTICA

Fernanda Pessoa Barbosa¹, Esmeralda Guimarães Meira²

1. Bolsista do Programa de Iniciação Científica e graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas na UNEB – DCH VI.
2. Docente/Orientadora da UNEB – DCH VI. Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade/UESB.

Resumo

Este trabalho surge da análise literária do poema “Luta Íntima” de Camillo de Jesus Lima, presente no livro *Poemas*, publicado em 1944. O objetivo do estudo é reconhecer e compreender as relações entre linguagem e sociedade a partir da análise da obra selecionada. Este estudo se pauta no método do materialismo histórico dialético, sob uma perspectiva crítica e dialética, o que permite um diálogo com outras linhas teórico-metodológicas; conta-se com um aporte teórico dos estudos de Antonio Candido (1985), Karl Marx e Friedrich Engels (2018), Arthur Schopenhauer (2001), Marshall Berman (1986) e Zygmunt Bauman (2005). Destarte, o eu lírico camilliano assume os sofrimentos e a sina de lutar, assume a dor e a fragilidade humana em meio a um mundo convulsionado e sustentado por ideologias hegemônicas. Na poesia de Camillo de Jesus Lima reverberam o individual e o coletivo, a memória, a história, a luta e a resistência do sertanejo, do brasileiro, do latino americano e do cidadão do mundo.

Palavras-chave: Literatura e Sociedade; Vontade; História.

Apoio financeiro: UNEB.

Trabalho selecionado para a JNIC: PPG – UNEB

Introdução

Este trabalho surge da análise literária do poema “Luta Íntima” de Camillo de Jesus Lima, presente no livro *Poemas*, que recebeu, em 1942 o prêmio Raul de Leoni pela Academia Carioca de Letras, concedendo também ao escritor o título de “Maior poeta moço do Brasil”. O livro foi publicado em 1944 pela gráfica/editora O Combate de Vitória da Conquista/BA, foi escrito sob forte influência das correntes literárias parnasianas e faz parte dos escritos do jovem Camillo de Jesus Lima, ainda com os ideais em construção.

No tocante ao estudo aqui realizado, faz-se necessário compreender as relações e as estruturas que condicionam a sociedade moderna, as ações, pensamentos e atitudes humanas, possibilitando uma reflexão sobre as condições de vida e do meio em que se vive, além de valorizar a linguagem artística como meio de expressão e forte instrumento de desautomatização da consciência social. Este estudo também possibilita um aprofundamento na escrita do autor baiano Camillo de Jesus Lima e da sua fortuna crítica.

O objetivo é reconhecer e compreender as relações entre linguagem e sociedade a partir da análise da obra selecionada. Observou-se a construção da representação da sociedade moderna, e, como consequência, os processos de rupturas e transformações históricas, decorrentes de alienação econômica, social e cultural, imposta pela classe dominante aos indivíduos, no processo de satisfação das pseudo-necessidades.

Metodologia

Este estudo se pauta no método do materialismo histórico dialético. Utiliza-se de algumas de suas categorias de base para a análise literária, sob uma perspectiva crítica e dialética, o que permite um diálogo com outras linhas teórico-metodológicas; conta-se com um aporte teórico dos estudos de Antonio Candido (1985), Karl Marx e Friedrich Engels (2018), Arthur Schopenhauer (2001), Marshall Berman (1986) e Zygmunt Bauman (2005). Estes autores iluminam a trajetória realizada na obra literária de Camillo de Jesus Lima, em especial na análise do poema “Luta Íntima”.

Resultados e Discussão

A literatura mantém amplos diálogos com a sociedade e a história. Desde tempos mais antigos, a palavra foi o descanso, o deleite, o sonho, o despertar das consciências para a realidade, o escudo, a arma de combate, e isto é fruto do ser social. A literatura emerge do trabalho humano com a palavra, portanto, interage com o desenvolvimento histórico e social, é moldada por mãos reais que se constituíram socialmente, em contato com as memórias individuais e coletivas, com as contradições da sociedade, como parte de um grupo e em um tempo histórico.

Desse modo, a produção artística dos homens não pode permanecer neutra e/ou desprovida da realidade (e não é). Para compreender melhor o sentido do texto em análise é preciso buscar um entendimento do contexto em que está inserido, e, neste sentido, dar-se-á certo destaque ao período pós Revolução Industrial, visto que a partir dele as relações entre os sujeitos e os meios de produção transformaram os rumos da história.

Com o passar do tempo, o cenário mundial se transformou: de um lado o acesso às forças industriais e

científicas, do outro, a decadência; em um momento o domínio da humanidade à natureza, em outro, a exploração do homem pelo próprio homem; de um lado, as máquinas como um excelente instrumento para amenizar, agilizar e aperfeiçoar o trabalho, de outro, acabam por sacrificar os trabalhadores, escravizá-los e reduzi-los à força de trabalho. Daí as contradições que Marx atribuiu à vida moderna. (BERMAN, 1986).

Pensando nas transformações da sociedade e compartilhando das ideias sobre os processos que ocorreram após a Revolução Industrial, Bauman (2001) esclarece que no século XX se consolidou a transformação da sociedade sólida para a líquida, devido às várias mudanças que ocorreram no mundo, tais como ascensão do Neoliberalismo, crescimento das multinacionais e transnacionais, redução da atuação do Estado, popularização da internet, entre tantos outros fenômenos sociais em que as relações não são mais pautadas em uma concretude, mas, ao contrário, se tornaram incertas, não palpáveis, indefinidas, pouco duradouras.

Utilizando da metáfora do estado líquido, Bauman (2001) acaba por confirmar a máxima marxiana da fluidez, esclarecendo que as sociedades modernas potencializam o movimento dinâmico da história, nunca se caracterizando como uma forma estável. A vida humana na contemporaneidade se caracteriza de forma que as transformações se dão mais rapidamente, embora alguns vínculos com as sociedades e culturas anteriores permaneçam, haja vista que toda construção histórica se baseia na relação entre o presente com o passado. Desse modo, Berman (1986) declara, utilizando-se dos pensamentos de Marx, que a sociedade burguesa não destruiu as velhas estruturas, os valores, ideais, ela os absorveu e os transformou. E, em meio a tantas necessidades e possibilidades, os indivíduos com suas subjetividades e particularidades não estão isentos dessa condição social.

As questões abordadas anteriormente relacionadas à modernidade servem como pontos de partida para a análise do poema “Luta Íntima”, dentre outras possibilidades de leitura, é claro. Esse soneto camilliano foi escrito com forte influência do parnasianismo, embora a crítica da época já o destacasse como um escritor modernista. Mas, conforme destaca Meira (2010, p. 47), o próprio Camillo preferia não se rotular:

Embora haja uma predominância ou tentativa por parte de alguns críticos em classificar os escritos camillianos como modernistas, ele próprio preferia não estabelecer vínculos com esta ou aquela estética literária. Importava ao poeta o uso da palavra que se desdobrasse em forma e conteúdo para a expressão do sentimento humano.

A escrita camilliana marcadamente social, de caráter revolucionário e em denúncia das mazelas sociais é predominante em várias de suas obras, desde o livro *As Trevas da Noite Estão Passando* de 1941, em parceria com Laudionor Brasil e, mais tarde, em *Cantigas da Tarde Nevoenta*, publicado em 1955. Estes e demais livros publicados em vida pelo autor foram reunidos em *Obra Poética (vol I e II)*, uma publicação da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia em 2014.

Segundo Meira (2017, p. 54), o *Poemas*, “de estrutura clássico-parnasiana, não resumia a produção poética de seu autor, naquele momento”, indicando que o período da escrita foi muito anterior ao de publicação e que há muita produção do autor ainda inédita. Isso se pode confirmar no posicionamento do crítico Carlos Chiacchio a respeito do livro *As Trevas da Noite Estão Passando*:

Quem não sente no canto dos poetas uma alta expressão do sentimento geral de revolta contra os terrores panorâmicos do nosso século, em que a guerra absorve todas as atividades, justifica todas as misérias [...]. Toda a canção desesperada dos poetas, que se não quiseram separados, senão unidos, para maior eco vibrador de seus cânticos, está cheia de sofrimento coletivo, de angústia da espécie abandonada nos desertos, de lampejo de raiva sagrada contra os maus, contra os vis, contra os algozes, contra todos os semeadores da inquietação satânica do ódio (CHIACCHIO, 1941 apud Meira, 2017, p. 54).

No soneto em análise, o eu poético descreve sua luta incessante, um mártir em meio ao sofrimento. Podem-se sugerir diversos monstros com os quais realiza sua luta: o amor, a solidão, a arte, o querer insubmisso, a própria guerra que, alimentada pelos sujeitos, sempre exige e cobra uma vida dilacerada ou a morte como resultado. Observa-se a intensa batalha do eu lírico com um monstro que ele mesmo alimenta e que, com duros golpes, faz instalar em sua alma a dor, a descrença, o cansaço:

Nessa hora sepulcral e triste em que eu pereço,
A suar sangue a ofegar, um lutador primevo,
À luz do sol que tomba exangue, eu dou começo
A uma luta entre mim e esse monstro que eu cevo (LIMA, 1987, p. 34).

Nas horas tristes e sombrias em que o cansaço de lutar o sufoca e o faz “suar sangue e ofegar”, o desânimo se aproxima, as forças se perdem, e mesmo o mais hábil e experiente dos lutadores não vence aquele monstro que ele mesmo alimenta.

O poema “Luta Íntima” aproxima-se também de reflexões acerca do pensamento de Arthur Schopenhauer. Para o filósofo, todas essas representações humanas têm um fundamento, uma origem, algo que impulsiona os sujeitos, que rege a vida, as representações, o que ele chama de Vontade. Essa Vontade brota sempre de uma necessidade, de uma incompletude que é o próprio ser humano como ser social. Sempre que alguém age, acredita controlar a si, mas a Vontade que o move, que impulsiona os seus atos e, como explica

Schopenhauer (2001), ela é a própria essência da vida.

Desse modo, a vontade se manifesta nas ações, nas buscas cada vez mais intensas de satisfação, de prazer, de felicidade, mas também de poder. Num mundo marcado por egoísmo e consumo desenfreado, por intensas mudanças e transformações nas relações econômicas, sociais, políticas e comerciais; em que há cada vez mais o sonho de conquista do melhor, do mais atrativo, dos produtos de última geração, dos padrões de beleza estampados nas capas de revista e nas ideias de felicidade e prestígio nas redes sociais, isso tudo toma conta da vida das pessoas e passa a ser o objetivo cada vez mais incerto e mutável de suas vidas. Entretanto, Schopenhauer (2001) esclarece que essa momentânea satisfação da vontade não é liberdade.

Os versos seguintes do poema “Luta Intima”, em que o eu lírico continua expressando seus sentimentos, em um movimento frenético e sem freios, servem para ilustrar o sentido filosófico de Schopenhauer.

(Tem tão grande suplício a duração de um evol!)
Mora dentro de mim e, em ríspido arremesso.
Mata a alegria que do olhar para a alma eu levo
Esse monstro cruel dos músculos de gesso (LIMA, 1987, p. 34).

Segundo Schopenhauer (2001), a luta contra os nossos desejos e querer internos causa dor, desconforto, angustia, pois lutar contra si mesmo é uma das mais árduas batalhas, já que seu próprio inimigo lhe acompanhará sempre, além de ter “a duração de um evol!” (LIMA, 1987, p. 34). Além disso, esse “querer algo” é momentâneo, porque sendo a vida dinâmica e fluida os desejos vão se modificando conforme o movimento que a própria história exige. Uma vez satisfeito o desejo momentâneo, partirá para novos objetivos, visto que “estes atos de vontade [...] determinam sempre apenas o *que eu quero em tal momento, em tal lugar, em tal circunstância*; e não o meu querer em geral, ou o conteúdo do meu querer em geral, isto é a regra que caracteriza todo o meu querer” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 116, grifos do autor).

Na sociedade moderna as relações são marcadas por uma intensa movimentação em que o indivíduo é definido por suas escolhas, por seu estilo de vida e por aquilo que consome, fazendo-o considerar como o mais plausível não se prender a nada, estar pronto e atento para mudar constantemente. Isso demonstra a passagem de uma sociedade de produtores para uma de consumidores, pautados num consumo desenfreado com o objetivo de serem aceitos socialmente em grupos. (BAUMAN, 2001). Todas as vontades e desejos que controlam e motivam as pessoas a quererem e procurarem sempre mais não vem de necessidades vazias e inconscientes. São estimulados a procurar e consumir produtos, serviços e relações que cairão em desuso, com validade antes mesmo de se solidificarem, como explica Bauman (2001, p. 87): “tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha”, e esta escolha é totalmente momentânea.

Entretanto, os indivíduos não são livres para fazerem suas escolhas e suas opiniões estão carregadas de ideologias inspiradas por ideais e padrões impostos sem que ao menos tomem consciência disso. Marx (1859 *apud* EAGLETON, 2011, p. 17, grifos do autor) esclarece que:

Na produção social da vida, os homens entram em relações que são indispensáveis e independentes da sua vontade, *relações de produção* que correspondem a um estágio de desenvolvimento definido das suas forças produtivas materiais. A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a fundação real, sobre a qual se constrói a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas definidas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual de maneira geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, seu ser social determina sua consciência.

Desse modo, o eu lírico do poema camiliano - e nele representadas todas as sociedades – pode sugerir que os sujeitos são condicionados, o que reflete o pensamento marxiano a respeito das relações de produção e das “necessidades” por determinado produto ou serviço, porque estão ligadas às condições de vida material do indivíduo, e este, assumindo posições diferentes na sociedade, propagará os ideais e os objetivos de determinada classe, o que, segundo Marx e Engels (2009), serão os ideais da classe dominante, que necessita cada vez mais de controle para manter e sustentar seus propósitos de domínio econômico, político e cultural.

Nos tercetos finais do poema, o eu lírico continua relatando seus sofrimentos e sua luta interna que lhe retiram as forças:

Chama-se Tédio, acaso? É a descrença essa harpia?
Sei que o prendo e me mata, e sei que luto. Embora
Morra, jamais terei o labéu de covarde.

Que me mate! Se há de ir empanar a alegria
De alguém feliz que tem na existência uma aurora
Torne mais triste e sepulcral a minha tarde (LIMA, 1987, p. 34).

Em se tratando do “Tédio” apontado no poema, que, por estar com letra maiúscula, sugere o significado de um possível nome do monstro, Schopenhauer (2001) esclarece que a satisfação da vontade gera um momento de felicidade, que logo é substituída por um intenso tédio, até que surja um novo desejo e a busca eterna continue. A satisfação da vontade é como esmola dada a uma pessoa em situação de rua, pois ela ficará satisfeita naquele momento, sobreviverá mais um dia, mas aquela ajuda não a retirará de sua condição. O sofrimento continuará

sendo sempre uma realidade, porque a vida humana é como um pêndulo que oscila entre a dor e o tédio de ter conquistado aquilo que se queria.

A luta constante contra a vontade, o querer que assume a materialidade de um “monstro de gesso” (LIMA, 1987, p. 34), vai sufocando e lhe tirando a vida, mas mesmo que morra não receberá a alcunha de covarde, porque não deixou de lutar. Todos esses pensamentos e ideais do eu lírico exprimem as insatisfações com a condição humana de subalternidade, de opressão da própria dignidade da pessoa. E essa opressão a que está submetido vai conduzindo sua vida, como se quisesse paralizá-lo em o monstro de músculos de gesso, o que se pode chamar de alienação, mas ele trava uma luta interminável a ponto de morrer, mas não seria dominado pelo poder hegemônico. A consciência e a resistência são as armas que conduzem o eu lírico até o fim. Desse modo, desistir de lutar não está em seus planos, prefere morrer a entregar-se ao tédio, a ter que receber o “labéu de covarde”, e isso o mobiliza a resistir na luta.

Em outro soneto do mesmo livro, intitulado “Kooockaburra”, no qual o eu lírico compara a força da voz poética e a audácia contra o mau e o perverso com o perfil da ave australiana, descrita em epígrafe como uma “[...] perseguidora de cobras. Após matá-las, faz um longo vôo (sic), levando a vítima pelos ares. Solta-a depois, ao solo, emitindo uma voz que se assemelha a uma gargalhada humana” (LIMA, 2014, p. 52). E nos dois últimos tercetos, destaca:

[...] O poeta é bem assim. Com a clava do verso,
Abate o mau; eleva o justo; ata o perverso
Da eterna execração do cadafalso atroz.

Paíra no alto, depois. E da tuba impoluta,
Tira o hino ao dever cumprido, à glória, à luta,
Sem que o tempo consuma o clamor dessa voz ... (LIMA, 2014, p. 52).

Este poema não deixa de ser uma autodefinição. De posse da arma de combate tecida de versos, o poeta sobrevoa o mundo e luta. Sabe que não poderão calar sua voz ou afugentar o seu grito. É com a palavra que Camillo de Jesus Lima deu lugar de fala em seus versos, neles ecoam as vozes dos párias e rebeldes, das mulheres e dos homens do sertão, dos cidadãos do mundo.

Conclusões

A partir da literatura e da arte, é possível revisitar os caminhos percorridos ao longo da história, assim como mover os espectadores e leitores ao estranhamento, à angústia, à revolta, que impulsionam os sujeitos a lutarem pela transformação das suas condições reais de existência em sociedade. O eu lírico camilliano assume os sofrimentos e a sina de lutar, assume a dor e a fragilidade humana em meio a um mundo convulsionado e sustentado por ideologias hegemônicas.

Nos versos são expressos os sentimentos do mundo, as injustiças e a barbárie da guerra, mas que, por meio da literatura, se renovam e se atualizam na contemporaneidade. Na poesia de Camillo de Jesus Lima reverberam o individual e o coletivo, a memória, a história, a luta e a resistência do sertanejo, do brasileiro, do latino americano e do cidadão do mundo.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e a Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

EAGLETON, Terry. **Literatura e História**. IN. **Marxismo e Crítica Literária**. São Paulo: Uesp, 2011.

LIMA, Camillo de Jesus. **Antologia Poética**. Vitória da Conquista: UESB, 1987.

LIMA, Camillo de Jesus. **Obra Poética**. v. 1. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Burgueses e Proletários**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto comunista**. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Boitempo, 2005. Cap.01, p. 40-51.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **O arquivista de si**: história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade), 205 p. Vitória da Conquista: PPMLS/UESB. 2017.

_____. **Muito além das tardes nevoentas**: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Salvador, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.